

## A ENTREVISTADA DA SEMANA

## Virgínia Maria Portocarrero serviu na guerra mundial

DOMICIANA

Quarenta e seis enfermeiras que serviram na Itália, na Segunda Guerra Mundial, foram incluídas no Serviço de Saúde do Exército, no posto de 2º tenente. (Lei de 1º de junho de 1957, projeto do deputado Fernando Ferrari). Nossa entrevistada, Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero, é uma dessas jovens que arriscaram a vida quase diariamente, para suavizar o sofrimento de nossos bravos combatentes. O que ela nos conta dessa heróica aventura é simplesmente fascinante.

Declara-se satisfeita em servir o Exército, cujo amor traz em seu sangue (o pai de Virgínia Maria era o general Tito Portocarrero). «Mas — acrescenta logo com modéstia — não queria ser focalizada. Minhas companheiras trabalharam tanto quanto eu. Éramos, ao todo, sessenta e sete, que, enquadradas no 5º Exército Americano, tivemos que seguir suas normas. Com o extraordinário poder de adaptação que é uma das qualidades principais dos brasileiros, pudemos desempenhar a delicada e importante missão que nos foi confiada, conseguindo, diversas de nós, elogios não só do comando brasileiro como também do americano». E cita os nomes de Jacyr de Souza Góes, Antonieta Ferreira Villas Boas e Olímpia Camerino — suas grandes amigas, servindo no «Field», no «Evacuation», no «Station Hospitals» e nos Hospitais Gerais, de Elza Canção Medeiros que foi oficial de ligação, de Maria José Vassimon de Freitas que fez o transporte aéreo de Natal a Nápoles e de Nápoles a Miami, com base em Parnamirim.

## RISCOS DE UMA ENFERMEIRA

«E você nunca teve medo?» Virgínia Maria não estranhou a per-



Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero, atualmente segundo-tenente do Exército, do Corpo de Saúde. Poderá chegar a capitão.

gunta, respondendo, ao contrário, com toda a naturalidade — «Lá isso muito. O primeiro bombardeio que presenciei — o do porto de Nápoles — paralisou-me por completo. Nem coragem tive de levantar da cama para correr ao abrigo. Simplesmente não sentia minhas pernas. Depois habituei-me e nem ligava mais». Em 11 meses de serviço, nossa entrevistada trabalhou em oito hospitais. Estava na de Pisa, quando este foi totalmente inundado pelo Arno, que transbordara. Perderam tudo, me-

nos os doentes, que foram salvos com uma dedicação incrível e... uns documentos muito importantes, cujo achado lhe valeu um grande elogio do chefe. Mas seu principal estágio foi no 2º Hospital de frente, o «Evacuation Hospital» que tinha todas as especialidades. Em cirurgia lá fazia-se de tudo. Era um hospital móvel, localizado em barracas, que seguia a frente de combate e onde o trabalho era exaustivo. A vida de enfermeira de guerra é dura e difícil. Em Pistóia, fazia plantões noturnos estafantes, que duravam 15 dias. Seguiu a rotina americana, com relatórios diários em inglês, sob o comando de uma chefe, senhora de meia idade, criatura notável, que fora das horas de serviço, tudo fazia para suavizar o ritmo do trabalho de hospital. Estava em Nápoles, quando chegaram nossos pracinhas. O hospital foi bombardeado, mas sua seção nada sofreu. Teve como companheira, em todos os postos de serviço, Antonieta Ferreira Villas Boas, «notável enfermeira da sala de operações, profissional competente», que recebeu diversos elogios de seus chefes.

Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero e suas companheiras partiram daqui como enfermeiras de 3ª classe, sob o comando do major, hoje coronel Ernestino Gomes de Oliveira, atual diretor da Escola de Saúde do Exército. Na Itália encontraram o Marechal (então coronel) Emanuel Marques Porto, Chefe do Serviço de Saúde, de quem ficaram dependendo. Em 1945 foram desligadas, reintegrando suas repartições, e em 1950 receberam a patente de 2º tenente da Reserva. Passaram ao serviço ativo de saúde do Exército, pela lei atual, devendo ser promovidas a 1º tenente, talvez ainda este ano e serão reformadas no posto de capitão, depois de 25 anos, contando os de serviço público, ou chegando à idade limite. Virgínia Maria Portocarrero que acaba de ser desligada de suas funções no Departamento de Saúde Escolar da Secretaria de Educação e Cultura, com um grande elogio do diretor, dr. Sílvio Romero, serve agora na Policlínica Central do Exército, com todos os deveres e regalias militares.

## ONDE SE PREPAROU

Nossa entrevistada nasceu no Rio, onde cresceu e educou-se, tendo estudado no Colégio Maria Imaculada, em São Francisco Xavier, e no Pedro II. Seguiu um curso de Aperfeiçoamento de Arte Decorativa na Escola Politécnica. Quando seu pai foi organizar a Cruz Vermelha Brasileira no Pará,

## TERRITÓRIO DO RIO BRANCO

Com 230.660 km<sup>2</sup>, o Território Federal do Rio Branco tem uma população que não deve ser muito superior a 24.000 habitantes (estimativa do IBGE: 24.103 habitantes). Assim, numa área maior que a do Estado do Paraná vive uma comunidade cerca de duas vezes menor que a residente em Nilópolis, município fluminense de 21 km<sup>2</sup>. A distribuição e a fixação dos habitantes variam sensivelmente, segundo as diversas zonas econômicas. Na zona da produção extrativa há grande rarefação demográfica e deslocamentos periódicos da população em busca de recurso natural a ser explorado.